



Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação
Fazenda Aliança

código
AII - FO9 - Vas

localização
Estrada da Aliança, s/ nº - distrito de Aliança

município
Vassouras

época de construção
século XIX e XX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
criação de gado e cavalos / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

proprietário
particular



Fazenda Aliança, fachada lateral

coordenador / data **Noemia Lucia Barradas Fernandes - jan 2009**
equipe **Daniel Braz e Ícaro Cerqueira**
histórico **Adriano Novaes**

revisão
Coordenação técnica do projeto

Localizada em Aliança, um distrito de Vassouras, o vilarejo possui uma antiga estação ferroviária que foi instalada em 1881, quando esse local chamava-se Arraial do Dias (f01 e f02). Segundo fontes históricas, o nome da estação e do vilarejo foram mudados em função do nome da fazenda, uma das maiores propriedades rurais das cercanias.

A entrada para o distrito fica na BR-393, que liga Vassouras a Paraíba do Sul, na altura de Massambará. No trajeto entre a BR-393 e a fazenda, feito todo em estrada de barro cercada de montanhas e áreas planas em ambos os lados, encontram-se várias referências importantes, especialmente uma igreja (f03) e um cemitério (f04), que datam da metade do século XIX.

Da entrada da fazenda observa-se o vilarejo (f05), bem como a estação ferroviária, que está totalmente abandonada há cerca de 25 anos. A linha férrea, entretanto, ainda é usada por trens cargueiros (f06).



01



02



03



04



05



06

Para se chegar ao núcleo de construções da fazenda, percorre-se uma estrada ensaibrada existente entre a linha férrea, à direita, e o rio Paraíba, à esquerda (f07). A Fazenda Aliança é cortada por estes dois importantes marcos limitadores, que cruzam grande parte da propriedade. Para chegar-se à casa-sede da fazenda, passa-se sob uma ponte da estrada de ferro (f08).

O conjunto construído constitui-se por três edificações principais e três complementares, além do pátio de café, um dos poucos elementos remanescentes do século XIX (f09). Segundo informações do arquivo da antiga RFFSA, a fazenda já era conhecida antes da instalação da estação de Aliança e, além do café, possuía outras plantações. Porém, a partir da segunda metade do século XX, sua atividade principal passou a ser a pecuária.



07



08



09

O sistema construtivo, originalmente em pau-a-pique, mantém estrutura em madeira, embasamento em pedra e revestimento das paredes de vedação em argamassa de areia, cal e saibro, com cobertura em quatro águas de telhas francesas, beirais sem forro e esquadrias em madeira. As cores utilizadas na edificação são: o branco para as alvenarias, o preto para as esquadrias e o vermelho sangue-de-boi para suas molduras ou cercaduras.

A propriedade compreende, naturalmente, espaços construídos e naturais, e o seu conjunto edificado mantém, centralizando-o, o antigo terreiro de secar café (f10). Este é limitado na parte frontal por uma edificação assobradada, que corresponde ao antigo engenho (f11); na parte posterior por um estábulo (f12), à direita pela casa-sede e, à esquerda, por um chiqueiro. Próximo à linha férrea uma edificação que funcionava como depósito é hoje parcialmente usada como moradia (f13). Há ainda um pequeno estábulo na frente do antigo engenho, entre este e os trilhos.

A localização do núcleo de construções que envolve o terreiro é original da época de fundação da fazenda, sendo emoldurado por muretas e tendo, na lateral esquerda do atual estábulo, um grande tanque de lavagem de café em cantaria, com as paredes de seu vertedouro recortadas em retângulos e quartos de círculo, mantendo aberturas laterais para escoamento das águas (f14 e f15).



10



11



12



13



14



15

O acesso ao antigo engenho é feito por duas escadas em pedra com oito degraus, construídas no mesmo período em que o caimento do terreiro foi alterado (f16). Esse antigo engenho tem planta retangular e cobertura em quatro águas, com beirais simples, sem forro e com madeiramento aparente (f17 e f18). Sua fachada principal apresenta composição simples e simétrica, com os vãos de janelas e de portas em vergas retas, mantendo dimensões acanhadas. A moldura das janelas é marcada por pintura na cor vermelho sangue-de-boi (f19). Não há requinte ou elementos elaborados nesta construção.



16



17



18



19

Segundo informações locais, foi reconstruída dentro da mesma volumetria original, porém, internamente, teve seu espaço redividido, parte utilizado como moradia e parte como depósito (f20). Contígua a esta edificação, voltando-se à linha férrea, há, em uma área cercada referente a um estábulo, parte aberto e parte coberto (f21).

O estábulo maior, locado ao fundo do terreiro de café, tem planta a forma de “L” e cobertura em cinco águas com a vãos vedados por pernas de madeira verticais, semelhantes às encontradas para guarnecer vãos de serviço (cozinhas, depósitos etc.) da arquitetura bandeirista (f22 e f23).

A casa-sede foi reconstruída no mesmo local onde outrora se localizava a casa principal da fazenda, na encosta de pequena elevação, possibilitando observar todo o conjunto e o trabalho dos escravos (f24 e f25).



20



21



22



23



24



25

Uma terceira construção, locada próxima à linha férrea, apresenta planta retangular, cobertura em quatro águas e três pavimentos, sendo térrea quando voltada à linha de trem e mantendo os outros andares em subsolo, voltados ao pronunciado declive de fundos. De feitura mais recente, provavelmente por sobre outro prédio anterior, é utilizada somente no primeiro nível, como moradia (f26).

Uma construção de pequeno porte – originalmente um tanque sem cobertura – está postada na lateral à esquerda do pátio de café, sendo utilizada atualmente como chiqueiro com comedouro em concreto (f27).

As edificações que formam a fazenda foram construídas e modificadas em períodos distintos, de acordo com as premências de suas necessidades. O engenho parece ter mantido a volumetria original e em conjunto com o terreiro de café e o estábulo apresenta alguns materiais originais. O pátio de café em formato retangular permanece com sua estrutura lateral em cantaria revestida por argamassa de cimento. As lajes em cantaria que cobrem todo o piso do terreiro também receberam recobrimento nessa argamassa, porém com espessuras diferenciadas, que alteraram seu caimento (f28).

O tanque lateral ao pátio foi construído em pedras de cantaria (f29). Na lateral esquerda, alinhada com o anexo e o chiqueiro, resquícios de parede original executada em pedra seca, com acabamento do topo em laje de cantaria, são referências de mureta de contenção e de separação entre as várias funções da fazenda (f30).



26



27



28



29



30

O antigo engenho é uma construção com características estilísticas e construtivas muito simples, com alvenaria executada em tijolos maciços. Os vãos de janelas, em verga reta, têm pequenas dimensões e não possuem cercaduras, apenas pintura na cor vermelho sangue-de-boi, emoldurando a esquadria, executada em tabuado de madeira pintada em uma cor escura (f31). Os vãos de portas diferenciam-se dos de janelas, com cercaduras em madeira pintada e folhas em tabuado de madeira pintado de preto, os externos possuindo soleiras e/ou degraus em cantaria argamassada (f32 e f33). Em toda sua extensão, o piso interno recebe revestimento cimentado, que recobre tijolos maciços de sua feitura original (f34). O telhado em quatro águas apresenta telhas francesas e estrutura em peças de madeira (f35).



31



32



33



34



35

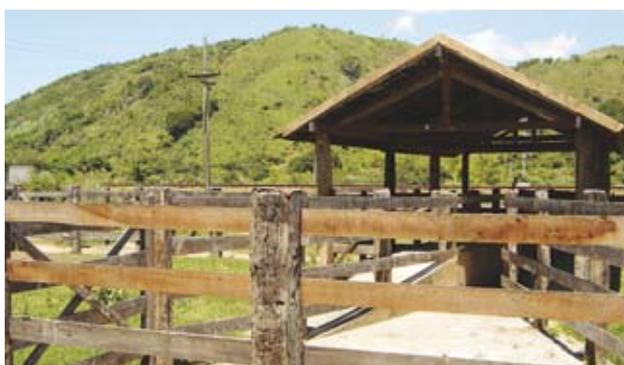
O estábulo principal possui embasamento em pedra, provavelmente original, mas sua alvenaria é de tijolos maciços. Os vãos rasgados recebem como fechamento uma espécie de balaustres de secção quadrada, muito comum no século XVIII e início do XIX. A cobertura em quatro águas com telhas tipo francesa assemelha-se a cobertura do engenho (f36). O estábulo menor foi construído com o reaproveitamento de peças antigas, acrescido à alguns materiais novos (f37). O chiqueiro tem seu piso e alvenaria em lajes de pedra, tendo recebido argamassa de cimento para recobrimento e nivelamento (f38) e sua cobertura, também em duas águas, possui estrutura em madeira e telhas francesas.

A atual casa-sede é uma construção da década de 1940, executada em alvenaria de tijolos maciços. Recebe piso em cerâmica na parte externa e tacos na parte interna. Suas esquadrias em madeira com folhas almofadadas e em venezianas mantém pintura na cor azul.

A edificação que corresponde ao anexo, próxima à linha férrea, possui estrutura em concreto e alvenaria de tijolos maciços com esquadrias muito simples apresentando folhas tabuadas e pintadas. A construção é muito semelhante às demais do conjunto em forma e materiais, porém, sua implantação em declive e a quantidade de pavimentos a difere destas.



36



37



38

A maior parte das construções que compõem a Fazenda Aliança está em péssimo estado de conservação, com exceção da casa-sede, que é uma construção mais recente e pouco usada.

O engenho e o anexo estão com as alvenarias bastante degradadas, com manchas de sujidades e desgaste das argamassas e da pintura (f39). Nas partes internas, a alvenaria está parcialmente demolida (f40). Algumas esquadrias não existem mais e muitos dos vãos foram fechados ou abertos sem muita coerência. O piso, bastante danificado em algumas áreas, apresenta desgaste mecânico ou teve partes demolidas para retirada de alguma peça estrutural ou equipamento (f41).

As cantarias de piso, soleira, estrutura das muretas do pátio, do tanque e do chiqueiro sofreram desgaste mecânico e/ou perda parcial em alguns trechos, recebendo em algum momento recomposição em argamassa de cimento, atualmente já bastante desgastada, além de possuir muitas manchas, sujidades e umidade (f42 à f43).

A estrutura dos telhados está com o madeiramento muito ressecado, com perdas parciais, e selamento em diversos trechos. No engelho e no chiqueiro houve ataque de insetos xilófagos (f44 e f45). As telhas, entretanto, estão em estado regular de conservação, em relação a outros materiais de construção que compõem as edificações desta fazenda (f46).



39



40



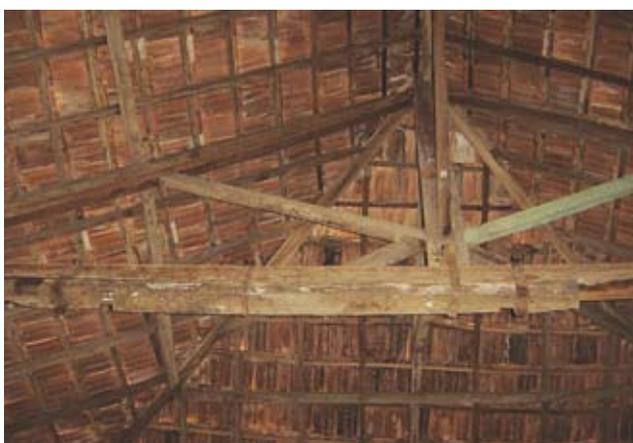
41



42



43



44

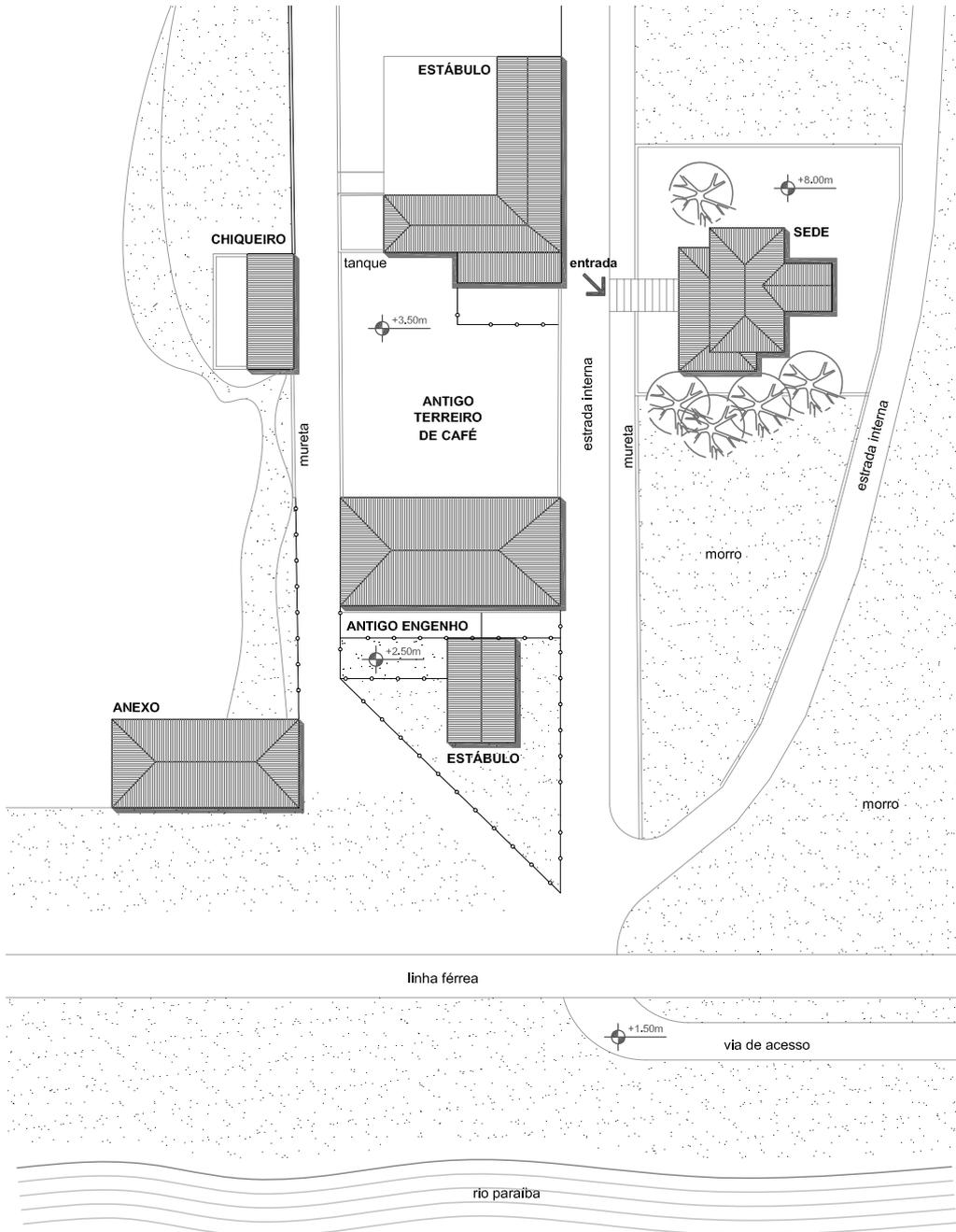


45



46

FAZENDA ALIANÇA



1 Implantação
escala: 1/1000

Segundo o memorialista vassourense José Mattoso Maia Fortes, a atual fazenda Aliança seria a antiga São José das Nogueiras, fundada por Carlos Caetano Alves. Fortes comenta ainda que Alves teria adquirido esta fazenda do capitão Marcelino José de Avelar, senhor da Fazenda da Paraíba, localizada às margens do Rio Paraíba do Sul, da qual São José das Nogueiras teria sido desmembrada (BRAGA, 1975).

Porém, o registro paroquial de terras da fazenda, feito em 15/02/1856, em nome de José Luis dos Santos Werneck, diz que tais terras foram adquiridas por herança da mulher¹. Podemos concluir que as primeiras terras citadas, foram adquiridas em data ignorada e anexadas à fazenda São José das Nogueiras, formando uma só fazenda.

José Luis dos Santos Werneck, provável fundador da Fazenda São José das Nogueiras, era filho de Manoel de Azevedo Matos que, por sua vez, era filho de Inácio de Souza Werneck e Francisca das Chagas. Foi casado com Rosa Maria dos Santos, irmã de Antônio Luiz dos Santos. José Luis dos Santos Werneck nasceu em 14/06/1796 e faleceu em 1873. Foi casado com sua prima, Francisca Laureana Werneck, filha de Maria Angélica e Antônio Luís dos Santos (RAMOS, 1941).

Não se sabe ao certo por que motivo e quando teria sido mudado o nome da fazenda para a denominação atual de Aliança. Sabe-se, entretanto, que no final do século XIX já possuía esta denominação, tanto que, em suas terras, em 01/09/1881, foi inaugurada a estação ferroviária de Aliança, da Estrada de Ferro D. Pedro II².

Na década de 1950 a Fazenda Aliança foi adquirida por Júlio Avelino de Oliveira, que despontou na vida rural amansando burros e tropeando garrotes nas fazendas de Caratinga e Governador Valadares, em Minas Gerais.

Em Aliança, dedicou-se à criação do gado Holando-Zebu, para a exploração leiteira, e à criação de cavalos Mangalarga Marchador, para a lida e transporte entre suas propriedades no Sul Fluminense, como a Aliança, Chacrinha, Gironda, Santa Helena e a Centenário.

Em 1961, arrematou as melhores éguas da Escola de Agronomia, selecionadas e com alta linhagem, juntamente com o reprodutor O.K.J.B. Em 1965 adquiriu nova remessa, da mesma escola, para aprimorar ainda mais o seu plantel.

Pela necessidade de utilizar um animal que desse conforto e comodidade de sela durante longos percursos, Júlio Avelino, devido a suas qualidades de grande montador, selecionou e aprimorou a raça destes equinos, fazendo-se conhecido em quase todo o Brasil pelos excelentes animais que seu plantel possuía, composto de marchadores de inigualável qualidade, com todos os caracteres que diferenciam os Mangalarga Marchador dos demais cavalos.

Atualmente, Aliança pertence aos descendentes de Júlio Avelino de Oliveira.

¹ Registro Paroquial de Terras. Propriedade: José Luis dos Santos Werneck. Registro feito sob o nº 111, em 15/02/1856, página 51v/52, Livro 73, Freguesia de N. S. da Conceição de Vassouras, no Município de Vassouras. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Coleção RT;

² "Sua construção teve início em novembro de 1880 e a inauguração se deu a 01/09/1881, de acordo com o relatório da ferrovia para esse ano, curiosamente uma data diferente da constante oficialmente (28/09/1881) em relatórios mais recentes da Central do Brasil. Em 1990, a reportagem do jornal relatava a desativação de toda a economia da região de Aliança, principalmente a pecuária, que era a maior fonte de renda local. "Manoel Ribeiro, de 67 anos, é dono de fazenda em Aliança, como seu pai também foi. Teve plantação de abóbora, milho, feijão, aipim, criou gado leiteiro e vai desistir. Se quer produzir, não pode: não há mais mão-de-obra disponível. Se conseguisse produzir, não teria como escoar a produção. Não há mais trem, não vai haver estrada" (O Estado de São Paulo, 03/01/1990) "Desde pequeno eu andava de trem com o meu pai. Fiquei muito emocionado quando vi a estação de Aliança no site. Por muitas vezes eu desembarquei nesta estação, onde morava o meu avô por parte de pai" (Rodney de Figueiredo, Rio de Janeiro, RJ). Hoje (2007) a estação está em ruínas já há mais de 20 anos.